ARTIGOS

Capistrano de Abreu: do Ceará para o mundo

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA*

"Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha", assim falou Ubirajara, um dos herois da literatura indígena criado por José Martiniano de Alencar, autor também de *Iracema*, a virgem que tinha os cabelos mais negros que a cor da asa da graúna e os lábios mais doces que um favo de mel. Este é o cenário do Ceará, onde dorme a jandaia, nas frondes da carnaúba, e onde floresceram e florescem tantas inteligências.

Ser cearense não é só uma questão de naturalidade, mas de uma graça que Deus só concede aos seus eleitos. Daí, longe auto-enaltecimento, eu me considerar um privilegiado por ser filho do Ceará e, mais especialmente, por ser natural de Fortaleza.

Berço de ilustres conterrâneos, o Ceará, que teve a primazia de ser o primeiro estado brasileiro a libertar os escravos e de ter papel preponderante na última expansão da fronteira oeste do território nacional, via a conquista do Acre, também se vangloria por ter produzido gênios das ciências, das letras e das artes, que muito têm dignificado a cultura nacional e levam, para além-fronteiras, nomes que se ombreiam aos dos literatos, cientistas e artistas de expressão internacional.

Um dos maiores historiadores do Brasil é, sem qualquer dúvida, um cearense, nascido em Maranguape, reconhecido mundo afora por sua visão crítica e pelo rigor que empreendia na investigação dos fatos históricos.

Seu nome: João Capistrano Honório de Abreu. Tido como um dos principais historiadores do Brasil, ofereceu ainda uma contribuição valiosa nos campos da etnografia e da linguística. Seu grande feito: estudou, com afinco, a história colonial brasileira, elaborando uma teoria da literatura nacional, tendo por base os conceitos de clima, terra e raça que reproduzia

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

os clichês típicos do colonialismo europeu acerca dos trópicos, invertendo, todavia, o mito pré-romântico do "bom selvagem". Foi o primeiro grande historiador a dar visibilidade às classes populares na história socioeconômica do Brasil.

Discorrer, portanto, sobre Capistrano de Abreu é mais que um ato de justiça, é uma honra, digna de ser valorizada por atitudes assemelhadas às suas e que tanta repercussão produziram no cenário da nação, mercê de uma inteligência prodigiosa que associava teoria e prática, no exercício da sua intelectualidade.

João Capistrano Honório de Abreu nasceu no Sítio Columinjuba, no município de Maranguape, em 23 de outubro de 1853, um domingo, filho primogênito de Jerônimo Honório de Abreu e sua mulher e sobrinha Antônia Vieira de Abreu. Foi alfabetizado pelo mestre Luiz Mendes, no então povoado e hoje distrito Ladeira Grande, um vilarejo distante 3 km da casa onde veio ao mundo. Fez seus primeiros estudos em rápidas passagens por três escolas em Fortaleza: Colégio de Educandos (1859-61), Ateneu Cearense (1862-64) e Seminário Episcopal (1865-66), do qual foi expulso, sob a pecha de preguiça, vadiação e desrespeito aos superiores, além de ser ateu. Em 1869, viajou para Recife, onde cursou humanidades, retornando ao Ceará dois anos depois. Em Fortaleza, foi um dos fundadores da Academia Francesa, órgão de cultura e debates, progressista e anticlerical, de curta existência, com duração de apenas três anos: de 1872 a 1875.

No ano de 1875, viajou Capistrano de Abreu para o Rio de Janeiro, atendendo o convite de José de Alencar, e aí se fixou, tornando-se empregado da famosa Livraria Garnier, como 'resenhador' de notas para a imprensa fluminense dos livros editados pela própria livraria/editora, passando a colaborar no periódico *Gazeta de Notícias*. Em 1879, foi nomeado, por concurso, oficial da Biblioteca Nacional, trabalhando nessa função até 1883.

Sua aptidão para o ensino era evidente, tanto que lecionou Corografia e História do Brasil no então Imperial Colégio de Pedro II, nomeado, em 1883, por concurso em que apresentou tese sobre *O Descobrimento do Brasil e o seu Desenvolvimento no Século XVI*, considerada, no contexto da historiografia, como uma das mais importantes obras da História do

Brasil. Dito concurso foi presenciado pelo Imperador Pedro II que decidiu se retirar, antes do término do certame, ao constatar que o candidato sabia muito mais que os seus examinadores. Devidamente aprovado, exerceu esse cargo até 1899, quando Epitácio Pessoa, então Ministro da Justiça, determinou anexar o ensino de História do Brasil ao de História Universal, e, em sinal de protesto, o bravo cearense recusou-se a lecionar a nova disciplina, preferindo manter-se em disponibilidade, com redução de 40% do seu salário, para se dedicar à pesquisa, sua legítima inclinação.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), negou-se a tomar posse: para uns, talvez, desiludido com a traição cometida por Rui Barbosa, um dos artífices da sujeição da sua cadeira à de História Universal, que teria exercido grande influência na decisão tomada por Epitácio Pessoa. Para outros biógrafos, ele fora contatado por Machado de Assis para fazer parte dos fundadores da ABL e não aceitou, por ter temperamento muito independente, sem qualquer vaidade pessoal e desprendido de bens materiais e títulos de quaisquer naturezas.

Eleito, em 1887, como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, única honraria que aceitou, Capistrano de Abreu tornou-se reconhecido como o patrono da historiografia brasileira, sendo responsável pela renovação dos métodos de investigação e interpretação historiográfica no Brasil. No início de seus estudos, ele pretendia descobrir "as leis fatais que regem a sociedade brasileira", mas a leitura de pensadores alemães acabou por convencê-lo de que somente a pesquisa cuidadosa e imparcial das fontes primárias poderia conferir um caráter objetivo às suas interpretações.

Capistrano de Abreu, contrariando o vezo habitual, foi grande, dentro e fora da sua terra. Suas principais obras foram: *Estudo sobre Raimundo da Rocha Lima* (1878), *José de Alencar* (1878), *O Descobrimento do Brasil* (1883), *A Língua dos Bacaeris* (1897), *Capítulos de História Colonial 1500-1800* (1907), *Dois Documentos sobre os Caxinauás* (1911-1912), *Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil* (1930), *Ensaios e Estudos* –crítica e história (1931-33; e 1976, em quatro volumes), *Rã-txa hu-ni-ku-i:* Gramática dos Caxinauás (1931), *Cartas de Capitrano de Abreu a Lino de Assunção* (1946) e *Correspondência* (1954, em três volumes); os cinco últimos publicados postumamente. Para maior conhecimento da

produção bibliográfica de Capistrano de Abreu indica-se o livro de J. Pinto do Carmo, publicado em 1942.

Sua morte ocorreu no Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1927, dois meses antes de completar 74 anos de idade.

Américo Facó (1885-1953), poeta cearense radicado no Rio de Janeiro, lhe traçou o exato perfil no célebre soneto, escrito em 1911, sob o pseudônimo Os Três Mosqueteiros, abaixo reproduzido:

"Olhos semicerrados de quem poupa
A luz dos próprios olhos... Indolente!
Cabelos, barba de esfiapada estopa
Para trás, para os lados, para a frente.

Uns ares filosóficos de gente
A quem a vida vai de vento em popa:
Liga mais ao passado que ao presente
E liga à vida como liga à roupa.

Calçado sem tacão, chapéu sem aba,
Pobre com aparência de usuário
E, ao mesmo tempo, de morubixaba.

Tal é o Capistrano, o bem amado,
Velho erudita, vivo dicionário
Da História Pátria, mal encadernado".

***Fonte**: Reproduzido de: GIRÃO, Raimundo. **Capistrano de Abreu**. Folder produzido em outubro de 1982, para distribuição aos visitantes da sala de exposição montada no Instituto do Ceará em homenagem a Capistrano de Abreu.*

O historiador Raimundo Girão, perlustrado sócio do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) recorre a falas de outros luminares da intelectualidade brasileira, citando Humberto de Campos, para quem

Capistrano de Abreu "foi a inteligência mais aguda e pronta que as letras já tiveram a seu serviço", e acrescenta que não foi sem razão que Sílvio Romero o considerou "o maior erudito em assuntos brasileiros". De sua vez, Alceu Amoroso Lima escreveu que havia em Capistrano de Abreu "uma coexistência de características contraditórias, que não surpreende decerto a quem sabe que o ser humano é a própria contradição em carne e osso, mas que nele atingia um contraste excepcional, pois havia nele o mais despreconcebido dos historiadores e o mais preconcebido dos homens".

Em suas próprias palavras, Raimundo Girão (1900-1988), cognominado por muitos "o Heródoto do Ceará", refere-se a Capistrano, citando ainda Tristão de Athayde: "cedo, tornou-se mestre, sim – o MESTRE da História do Brasil: sendo o mais pessoal dos homens – é do mesmo – foi o mais impessoal dos historiadores. O mais realista de todos os nossos historiadores. Aquele que possuía, como nenhum outro, o faro do fato, o senso incomparável do concreto".

Um retrospecto sobre a história de vida de Capistrano de Abreu faz lembrar que a sua carreira foi marcada por algumas fases. A primeira, de influência positivista, baseava seus estudos a partir das considerações e leituras de Taine, Buckle e Agassiz, demonstrando forte empatia com a noção de civilização da escola francesa. Na segunda fase, a sua formação teórica se consolida e as mudanças em seu discurso historiográfico podem ser sentidas através de uma maior elaboração das ideias. Tal acontece face ao contato mantido com farta documentação inédita e por conta das leituras dos trabalhos de outros historiadores não positivistas da escola realista-histórica alemã. Na terceira e última fase, deu-se o seu aprimoramento intelectual, com maior vigor, justo ao buscar apoio em trabalhos da economia, geografia, sociologia e psicologia, para respaldar os seus pensamentos, ideias e convicções. Uma sua preocupação era ir direto às fontes a que tinha acesso, razão pela qual, procurou aprender e aprofundar os estudos de latim, francês, alemão e inglês. Dessa forma, a sua visão crítica adquiria um refinamento, desvinculando-se os estudos históricos das "regras naturais" da filosofia positivista.

Os escritos de Varnhagen, acerca do Descobrimento do Brasil, foram utilizados por Capistrano de Abreu em suas análises, não como fonte inspiradora, mas como contraponto a esse processo de busca,

visando a uma maior verticalização do seu conhecimento, até porque Abreu considerava os trabalhos de Varnhagen carentes de substância. Um destaque maior que lhe foi conferido deveu-se ao seu gosto pela inovação metodológica, na medida em que, ao examinar as teorias, ele procurava, concomitantemente, apropriar-se de um número razoável de fontes primárias, lendo, também, com sofreguidão, a historiografia acerca do tema investigado. Essa metodologia, não comum à sua época, mas bastante aceita na atualidade, assegura uma melhor visibilidade do assunto estudado, para assim se chegar a uma tese consistente.

Capistrano de Abreu foi, na verdade, um historiador além do seu tempo. O trato com as fontes e a posterior escrita dos seus textos têm muito de singularidade para aquele momento, dada à consistência em: apontar contradições internas dos relatos; verificar a autenticidade das fontes utilizadas pelos estudiosos e historiadores; primar pelas referências precisas das fontes sobre o passado; e avaliar se as considerações sobre determinado evento histórico eram verdadeiras ou não.

Na análise que fez sobre o descobrimento do Brasil, por exemplo, Capistrano de Abreu, além de descrever, com minúcias, a viagem de Cabral, foi capaz, também, de relacionar o fato com um contexto mais amplo, dedicando, inclusive, parte considerável de seus escritos aos índios, e o que é mais importante, sem lançar mão de uma visão eurocêntrica. Capistrano de Abreu *rompeu radicalmente com Varnhagen, valorizando a presença do indígena e do mameluco na identidade brasileira.*

De tudo o que aqui se disse sobre o filho ilustre de Maranguape, nas cercanias de Fortaleza, capital do estado do Ceará, algumas ilações podem ser feitas quanto à sua genialidade, expressa no pendor para registrar os fatos históricos, estribados no pensamento crítico, para emissão de juízo de valor.

Capistrano de Abreu foi grande no seu tempo e continua grandioso na posteridade, mercê de um talento nato para tornar reais as palavras de Heródoto: "*Historia temporum lux*". Com efeito, toda a existência terrena de Capistrano de Abreu foi marcada por acontecimentos que só fizeram enriquecer sua brilhante trajetória de vida.

Em seu arquivo "Brasil 500 anos - Obras raras relacionadas do descobrimento do Brasil", a Pontifícia Universidade Católica guarda o

seguinte texto sobre Capistrano de Abreu, publicado pelo "*Annuário do Brasil, 1929*", o qual merece reprodução por sua clareza e objetividade:

> *João Capistrano de Abreu nasceu na província do Ceará em 1853. Como muitos de seus contemporâneos do "Norte" do Império, ainda jovem dirigiu-se ao Recife, mas não conseguiria ingressar na tradicional Faculdade de Direito. Em 1875 chegaria à Corte imperial, onde por meio de um feixe de relações pessoais conseguiria engajar-se na atividade jornalística. Foi, sobretudo, como redator da Gazeta de Notícias que Capistrano de Abreu pode se dedicar ao exercício da crítica e à produção de textos de história da literatura, participando das polêmicas que distinguiam o ambiente intelectual do Rio de Janeiro. Nomeado por concurso para os quadros da Biblioteca Nacional, passou a exercer de modo mais sistemático e constante a pesquisa histórica, começando a dar forma e conteúdo à idéia que acalentava desde sua terra natal de escrever a história do Brasil "a grandes traços e largas malhas". Em 1883, troca a Biblioteca Nacional pelo Imperial Colégio de Pedro II, por meio de concurso que se tornaria famoso, assistido pelo próprio imperador Dom Pedro II. Sua tese, intitulada "Descobrimento do Brasil. Seu desenvolvimento no século XVI", concluía terem sido os espanhóis os primeiros a chegar ao território brasileiro, mas que "sociologicamente falando, os descobridores do Brasil foram os portugueses. Neles inicia-se a nossa história; por eles se continua por séculos; a eles se devem principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilizada em território antes povoado e percorrido por broncas tribos nômades". Por seis anos Capistrano lecionaria no estabelecimento modelar, demitindo-se da função que exercia por não estar de acordo com a reforma que anexava a história do Brasil à história universal. Desde então, dedicar-se-ia quase que exclusivamente à pesquisa e à escrita da história do Brasil. Publicados em 1907, os Capítulos de História Colonial consagrariam-no definitivamente como um dos principais historiadores brasileiros. Isto porque, conforme destaca Ricardo Benzaquen de Araújo, Capistrano é o historiador que talvez tenha melhor encarnado entre nós o ideal da busca "moderna" da verdade, assim como por ter sempre demonstrado*

> *um enorme interesse em relação aos trabalhos de sociólogos franceses e ingleses, como Taine, Comte, Buckle e Spencer, interesse que mais tarde irá se estender a autores ligados à antropologia e à geografia, principalmente de origem alemã, condição para a interpretação reveladora de um sentido que também deveria definir, a seu juízo, o fazer historiográfico.*
>
> *Em O Descobrimento do Brasil – edição da Sociedade Capistrano de Abreu, de 1929 – aparecem reunidos dois trabalhos sobre o mesmo assunto, escritos em épocas distintas: a tese de concurso para o Colégio Pedro II, redigida em 1883; e "O Descobrimento do Brasil – Povoamento do Solo – Evolução Social", texto de abertura do primeiro volume do Livro do Centenário, 1500-1900, publicado dezessete anos depois. A leitura de ambos os textos possibilita muito mais do que simplesmente conhecer como o historiador cearense resolveu a maior parte dos denominados "pontos controversos" do Descobrimento do Brasil, por meio do exercício do "método crítico". O cotejo entre ambos possibilita, entre outras coisas, a compreensão das duas dimensões constitutivas do fazer historiográfico relacionado ao que se costuma denominar de concepção moderna de História – aquele método e a narrativa que encerra um sentido –, intensamente experimentada por Capistrano de Abreu.*

Na década de 1970, no Rio de Janeiro, a editora Civilização Brasileira, com o apoio do Instituto Nacional do Livro (INL/MEC), lançou a obra completa de Capistrano de Abreu (livros publicados em vida e póstumos), em dez volumes. Apenas não reeditou, talvez por questões de comercialização, já que os volumes eram vendidos avulsos, o *Rã-txa hu-ni-ku-i: A Língua dos Caxinauás do rio Ibuaçu, afluente do Muru*, cuja primeira edição é de 1914.

Aí está a síntese da existência terrena de João Capistrano Honório de Abreu, não escrita por ele, é verdade, mas por ele experimentada, desde quando viu no céu, pela primeira vez, os contornos da Serra de Maranguape e, no chão, pintado de verde, a sua Columinjuba florescente, em meio a um cenário nitidamente marcado pelo milagre da vida vegetal.

No epicentro de todos os focos, ontem como hoje, Capistrano de Abreu foi e persiste sendo olhado como uma luz, que se projeta da

verde aprazível Columinjuba, em Maranguape, para o resto do Brasil e para o mundo.

Esse é o perfil do homem inscrito entre os patronos da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro (ACCLARJ), cuja cadeira confere enorme responsabilidade a quem dela se ocupa do silogeu do Ceará implantado em terras cariocas.

Na oportunidade em que foi ratificada a nossa posse, como "Membro Honorário" da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro", eleito que fomos, por unanimidade, na sessão plenária da ACCLARJ, de 2 de maio de 2007, assumimos o compromisso de tudo fazer para honrar o nome deste sodalício e, por extensão, o dos patronos conterrâneos e dos perlustrados confrades integrantes desta augusta casa de cultura cearense nas plagas dos Tamoios.

Distinguido com o título de "Membro Honorário", assim dito em documento próprio "em reconhecimento ao eficiente e proveitoso trabalho desenvolvido em favor da ciência e da cultura brasileiras, especialmente às cearenses", só nos restava agradecer as generosas palavras de apresentação pronunciadas pelo colega Prof. Dr. Paulo César Alves Carneiro, que nos acompanhou desde os tempos da Faculdade de Medicina da UFC, e o mesmo fazemos em relação a todos os acadêmicos pela gratificante acolhida que tivemos no seio dessa briosa entidade.

O Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) reverencia a memória desse que foi o historiador-mor brasileiro ao dispor do acervo de sua biblioteca, de obras por ele produzidas (Apêndice 1) ou sobre ele escritas (Apêndice 2). Capistrano de Abreu, por sua vez, jamais esqueceu suas origens cearenses, procurando prestigiar seus conterrâneos, ao publicar, nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará*, seus escritos, conforme se identifica no Apêndice 3, construído a partir do sítio eletrônico[2] da mencionada *Revista*, abrangendo os tomos publicados de 1887 a 2019.

Com o falecimento de Capistrano de Abreu em 1927, os seus amigos mais próximos e admiradores organizaram no Rio de Janeiro a "Sociedade Capistrano de Abreu", com o objetivo de estudar e sistematizar a obra do notável Mestre. Com o decorrer do tempo, essa Sociedade foi arrefecendo

2 https://www.institutodoceara.org.br/revista.php

o fervor das suas atividades, o que, graças aos esforços de seu depois abalizado biógrafo, José Aurélio Saraiva Câmara (ganhador do Prêmio Otávio Tarquínio de Sousa, em 1969), motivou a transferência da sua sede do Rio para Fortaleza, isto por meio de Convênio com a Universidade Federal do Ceará, a qual, por intermédio de outro convênio, de acordo com Raimundo Girão, "confiou ao Instituto do Ceará a conservação e manutenção do acervo social, com o fim de o fazê-lo conhecido dos cearenses e de quantos tenham oportunidade de, com interesse cultural, visitar o Ceará".

A história da Sociedade Capistrano de Abreu, cobrindo o período da sua permanência no Rio de Janeiro, está descrita com muita propriedade por Byanca M. da Silva, em obra publicada em 2011, que foi contemplada com o Prêmio Guilherme Studart.

Assim, preservando o seu compromisso, o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) mantém, em ampla sala própria, climatizada, aberta ao público, o que foi possível vir do Rio de Janeiro – estantes, livros, alguns manuscritos, busto, objetos pessoais, retrato à óleo e fotografias do admirável filho de Maranguape. Vale lembrar que parte desse acervo pessoal foi cedida, mediante regime de comodato ao Museu do Ceará, por alguns anos, tendo a mesma retornada ao cedente em 2019, ano em que foi reorganizada, comportando ressaltar o esforço empreendido pelo sócio José Eurípedes Maia Chaves Júnior para a devida devolução desses valiosos e intangíveis bens à custódia da Casa do Barão de Studart.

Em tempos atuais, digno de encômios é o empenho da Academia de Ciências, Letras e Artes de Columinjuba (ACLA), entidade criada em 21 de junho de 1992, no Sítio Columinjuba, do Distrito de Ladeira Grande, Município de Maranguape, em resgatar o legado de Capistrano de Abreu, o seu patrono emérito. Para tanto, culminando suas recentes realizações, o Sr. Paulo Roberto Neves Pereira, então Presidente da ACLA, em 13 de agosto de 2020, instalou o Memorial com Exposição Permanente: "93 anos sem Capistrano de Abreu", no alpendre da Casa onde Capistrano nascera há 168 anos.

Ainda como desdobramento da instalação desse equipamento cultural, o Sr. Paulo Roberto Neves Pereira divulgou amplamente nas redes sociais, em dezembro de 2020, uma cronologia minuciosa relacionada a feitos

envolvendo a figura de Capistrano de Abreu e a de seus familiares, inclusos os seus ascendentes e descendentes, transcrita do citado Memorial, e incorporada aqui como Anexo 1.

Sobre essa inauguração, a promotora de justiça Grecianny Carvalho Cordeiro, sócia efetiva do Instituto do Ceará, empossada em 19 de agosto de 2021, pontuou: *"Mais de setenta anos depois, no pandêmico ano de 2019, Paulo R. Neves Pereira, Pedro João de Abreu, Francisco Ribeiro de Moura, Walter de Borba Veloso, Francisco José Moreira Lopes e Joana Darc da Silva, com o apoio dos 63 acadêmicos e conselheiros beneméritos da ACLA – Academia de Ciências, Letras e Artes de Columinjuba, criaram um comitê e reconstruíram a "Casa de Capistrano de Abreu e Memorial"*[3]

Grecianny Carvalho Cordeiro completa o seu posicionamento com a conclamação: *"Que no bicentenário da Independência do Brasil, em 2022, o consagrado historiador nacional tenha sua memória rediviva, notadamente no Ceará".*

Ao fim, a proclamação acima configura-se oportuna porque o ano que se avizinha trata-se de um importante marco da História do Brasil, ao tempo em que pode servir de ponto de partida para a celebração do centenário de falecimento de Capistrano de Abreu, porquanto se distancia de apenas um lustro, entre tais datas, comportando ao Instituto do Ceará assumir um papel proeminente na condução de tão magna efeméride.

***

Fontes Consultadas

A) Impressas

1. BEDÊ, Francisco Laélio de Oliveira. *Capistrano de Abreu: doutor honoris causa in memoriam.* Fortaleza: Tiprogresso, 2003. 96p.

2. BEDÊ, Francisco Laélio de Oliveira. *Capistrano de Abreu: o homem na Província, na Corte e no Mundo.* Fortaleza: Tiprogresso, 2005. 264p.

3 https://issuu.com/07351/docs/jornal_expresso_ce_nov_2020_pdf, p.7).

3. BEDÊ, Francisco Laélio de Oliveira. *Capistrano de Abreu: o maior corógrafo e historiógrafo do Brasil.* Fortaleza: Tiprogresso, 2017. 246 p.

4. CARMO, J.A. Pinto do. *Bibliografia de Capistrano de Abreu.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. 133p.

5. GIRÃO, Raimundo. *Capistrano de Abreu.* Outubro de 1982. 4p. (mimeo. folder).

6. IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, 2000. 256p.

7. MATOS, Pedro Gomes de. *Capistrano de Abreu: vida e obra do grande historiador. Fortaleza. A.* Batista Fontenele Editora, 1953. 410p. (Edição do Centenário).

8. PEREIRA, Paulo Roberto Neves. *Capistrano de Abreu: memorial em Columinjuba, Maranguape, Ceará.* Maranguape: Jornal Expresso, 27 de novembro de 2020, p.7. https://issuu.com/07351/docs/jornal_expresso_ce_nov_2020_pdf

9. SILVA, Ítala Byanca M. da. *Sociedade Capistrano de Abreu: memória e historiografia brasileira (1927-1968).* Fortaleza: Expressão, 2011. 264 p.

10. SOUZA, Ariovaldo Pereira de. *João Capistrano Honório de Abreu.* Ceará em Brasília, ano XXIX, ed. 316, outubro de 2018, p.13. (Jornal da Casa do Ceará).

B) Eletrônicas

1. Biografia de Capistrano de Abreu - artigos e trabalhos de pesquisa. Disponível em: https://www.trabalhosfeitos.com/topicos/biografia-de-capistrano-de-abreu/0 Acesso em: 22 Nov 2018.

2. BORGES, Lúcio Machado. http://contextopolitico.blogspot.com/2008/08/biografia-capistrano-de-abreu-1853-1927.html Acesso em: 16 Abr 2010.

3. Capistrano de Abreu. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.* São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: http://

enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6069/capistrano-de-abreu Acesso em: 22 Nov 2018.

4. DANNEMANN, Fernando Kitzinger. *Capistrano de Abreu.* In: Recanto das Letras em 25 Set 2008 Código do texto: T1195450 https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4731090 Acesso em: 13 Abr 2010

5 .http://www.cervantesvirtual.com/portal/FBN/biografias/capistrano_abreu/index.shtml Acesso em: 11 Set 2021.

6. INSTITUTO DO CEARÁ. Revista do Instituto do Ceará (De 1887 a 2020). https://www.institutodoceara.org.br/revista.php

7. www.dbd.puc-rio.br/brasil500anos Acesso em: 11 Set 2021.

8. Wikipédia, a enciclopédia livre. *Capistrano de Abreu.* Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capistrano_de_Abreu Acesso em: 22 Nov 2018.

Agradecimentos: ao amigo, colega e sócio José Eurípedes Maia Chaves Junior, por suas valiosas sugestões inclusas neste texto, e aos funcionários do Instituto do Ceará, por facilitarem o acesso às fontes documentais para elaboração dos apêndices desta publicação.

Apêndice 1: Obras de Capistrano de Abreu disponíveis na biblioteca do Instituto do Ceará

1. ABREU, João Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil.* 2.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu - Livraria Briguiet, 1960. 311p. Localização: BIBL 981.03 A162c
2. ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500 - 1800).* 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 258p. Coleção Octalles Marcondes Ferreira (Estudos Brasileiros, 1). Localização: BIBL 981.03 A162c
3. ABREU, João Capistrano de. *O descobrimento do Brasil.* 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. 223 p. Localização: BIBL 981 A162d
4. ABREU, João Capistrano de. *Ensaios e estudos: crítica e história.* 3.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu - Livraria Briguiet, 1938. 369p. Localização: BIBL 981 A162e

5. ABREU, João Capistrano de. *Rã-txa nu-ni-ku-i: língua dos caxinauás do rio Ibuaçu*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu - Livraria Briguiet, 1941. 649p. Localização: ORN 498 A158r ed.2

***

Apêndice 2: Obras sobre Capistrano de Abreu disponíveis na biblioteca do Instituto do Ceará

1. ABREU, João Capistrano de; RODRIGUES, José Honório (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu. v. 1, 2 e 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Octalles Marcondes Ferreira; 8). Localização: BIBL 869.6 A162c
2. AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. *Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart*. Fortaleza: Museu de Ceará/Secult, 2003. 144 p. Localização: BIBL 001 M986
3. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Abraço através do Atlântico: cartas entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. 214 p. Localização: BIBL 866 B333a
4. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Bastidores da escrita da História (Manuscrito) a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João L. de Azevedo (1916-1927)*. Fortaleza. Manuscrito. 2008. Dissertação de Mestrado - UFC. Localização: BIBL 928 B337b
5. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. *Capistrano de Abreu e a correspondência feminina*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006. 114p. (Coleção Outras Histórias; v.41). Localização: BIBL 001 M986
6. BEDÊ, Francisco Laélio de Oliveira. *Capistrano de Abreu: O homem na província, na corte e no mundo*. Fortaleza: Tipogresso, 2005. 364p. Localização: BIBL 920.99 B411c
7. BEDÊ, Francisco Laélio de Oliveira. *Capistrano de Abreu: o maior corógrafo e historiógrafo do Brasil*. 2017. 246 p. Localização: BIBL 928.6981 B411c

8. BUARQUE, Virgínia A. Castro. *Escrita singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José de Jesus*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult, 154p. 2003. (Coleção Outras Histórias; v.20). Localização: BIBL 001 M986

9. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu*. 2.ed. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1999. 249 p. (Coleção Alagadiço Novo; v.193). Localização: BS 928.6981 C172c

10. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Capistrano de Abreu: tentativa biobibliográfica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. 234 p. (Documentos Brasileiros; v.136). Localização: BS 928.6981 C172c

11. HOLANDA, Firmino. *Capistrano de Abreu*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 144 p. (Coleção Terra Bárbara). Localização: BIBL 920 T323

12. MATOS, Maria das Graças Gomes de. *Capistrano de Abreu: filho de Maranguape, neto de Sobral*. Fortaleza: Stylus, 1984. 16 p. Localização: BIBL 923 M425c

13. MATOS, Pedro Gomes de. *Capistrano de Abreu: vida e obra do grande historiador*. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1953. 410p. Localização: BIBL 920 M381c

14. ORIBE, Aquiles B. *Capistrano de Abreu: perfiles de su personalidad*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1927. 35p. Localização: BIBL 92 O78c

15. REBELLO, Edgard de Castro. *Capistrano de Abreu e a síntese histórica*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. 46p. Localização: BIBL 92 R114c

***

Apêndice 3: Capistrano de Abreu na revista do Instituto do Ceará[4]

1. ABREU, João Capistrano de. *Carta a Antônio Bezerra*. t. XLV, p.280-281. 1931.
2. ABREU, João Capistrano de. *Ceará e Rio Grande*. (DO Jornal, Rio, anno 1920, n. 285). t. XXXV, p.141-145. 1921.
3. ABREU, João Capistrano de. *Em memória de Eduardo Prado*. t. XXXIII, p.286-293. 1929.
4. ABREU, João Capistrano de. *Sobre uma história do Ceará*. t. XIII, p.22-33. 1899.
5. ABREU, João Capistrano de. *Tricentenário do Ceará*. t. XVIII, p.57-69. 1904.
6. ABREU, João Capistrano de. *Um livro sobre a Marquesa de Santos*. t. XXXV, p.285-298. 1921.
7. ABREU, João Capistrano de. *Vaz de Caminha e sua carta*. t. XXIV, p.134-147. 1910.
8. ADERALDO, Mozart Soriano. *Uma biobliografia de Capistrano*. t. LXX, p.163-164. 1956.
9. ALENCAR, Mário de. *Sobre um livro de Capistrano de Abreu*. t. XXVIII, p.309-318. 1914.
10. ARAÚJO, Sadoc de. *Ascendência sobralense de Capistrano de Abreu*. t. XCII, p.115-117. 1978.
11. BARREIRA. Dolor. *Por que não escreveu Capistrano de Abreu a História do Brasil?* t. LVII, p.223-229. 1928.
12. CALÓGERAS, João Pandiá. *Capistrano de Abreu*. t. XLI, p.259-272. 1927.
13. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Um concurso ignorado*. t. LXXXIV, p.132-136. 1970.

4 Baseado nos índices de José Honório/ Leda Boechar Rodrigues, Pedro Alberto de Oliveira Silva e Raimundo Girão contidos no sítio eletrônico do Instituto do Ceará no seguinte endereço: https://www.institutodoceara.org.br/revista.php , cobrindo o período de 1887 a 2008.

14. GONZALEZ, Henrique. *Capistrano na intimidade*. t. LXXVIII, p.113-118. 1964.
15. KATZER, Friedrich. *Paizagens do Ceará*. Trad. de Capistrano de Abreu. t. XVII, p.291-298. 1903.
16. LIMA, Abdias. *Capistrano de Abreu*. t. LXXXII, p.278-279. 1968.
17. LIMA, Abdias. *Capistrano de Abreu*. t. LXXXVII, p.278-279.1973.
18. LIMA, Alceu de Amoroso. *Capistrano de Abreu*. t. XLII, p.132-142. 1928.
19. MATOS, Pedro Gomes de. *Capistrano de Abreu*. t. LXXIX, p. 288-290. 1965.
20. MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. *Capistrano de Abreu e o significado de sua obra*. t. CXVII, p.213-277. 2003.
21. MONTEIRO, Mozart. *Capistrano de Abreu*. t. XCII, p.269-272.1978.
22. MOTA, Leonardo Ferreira da. *Capistrano de Abreu anedótico*. t. LVI, p.55-78. 1942.
23. PRADO, Aécio. *Reminiscências. O brasileiro que mais sabe...* t. XXXII, p.74-79. 1918.
24. SALLES, Antônio. *Reminiscências*. Capistrano de Abreu. t. XLI, p.253-258. 1918.
25. STUDART, Guilherme, barão de. *João Capistrano de Abreu*. t. XLI, p.243-252. 1927.

Além desses acima, convém adicionar a inserção na *Revista do Instituto do Ceará*, sem autoria explícita, do artigo *Capistrano de Abreu. Sua moléstia e seus últimos momentos*. t. XLI, p.273-275. 1927. Transcrevem-se, do Correio do Ceará, de 16 de setembro de 1927, trechos de uma interessante carta escrita por uma senhorita que assistiu os últimos momentos de vida de Capistrano de Abreu.

***

Anexo 1: Cronologia Casa Grande de Columinjuba – Memorial

1649 – Construção da Estrada do Forte às Minas de Prata na Serra de Maranguape.

1654 – Ancestral Antônio (1° Abreu) e Vicência de origem portuguesa chegam ao Brasil e residem em Goiana-PE se transferindo para Aracati-CE.

1755 – Nasce em Aracati o neto Honório José de Abreu, filho de sua filha Maria Josefa, esposa de Baltazar Antunes de Moura de Açu-RN.

1783 – Nasce em Sobral a avó de Capistrano João Honório de Abreu, do casamento com Rita Camelo Pessoa (natural de Goiana-PE).

1799 – O reinol Joaquim Lopes de Abreu entrou no domínio de algumas sesmarias e trafegando pela estrada holandesa de 1649 realizou o efetivo povoamento com parentes, sendo considerado o Fundador de Maranguape.

1806 – João Honório de Abreu veio trabalhar na sesmaria Bragantino, sobralense, avô paterno Capistrano de Abreu que era também seu tio-bisavô materno, pois sua mãe Antônia Maria era sobrinha do marido.

1808 – Construção da Casa Grande de Columinjuba, pelo pioneiro branco João Honório de Abreu, vulgo Amansa Negro, com senzala e armazém.

1824 – Em 28 de dezembro nasce o pai de Capistrano, Jerônimo Honório de Abreu, o Major, na Casa de Columinjuba – Maranguape-CE; que se casou em 1852 aos 28 anos com Antônia Vieira de Abreu, sua sobrinha de 13 anos, mãe de Capistrano.

1853 – Em 23 de outubro nasce ali; João Capistrano Honório de Abreu.

1858 – Em 26 de outubro nasce seu 4° irmão, Pedro de Abreu, Patrono da ACLA.

1865 – Capistrano e seus pais residindo na casa nova do avô, com mobiliário e utensílios removidos para o outro lado de um açude

que as separa, atual sede da Fazenda Columinjuba, onde morou por mais 10 anos.

1866 – Em 17 de outubro morre o avô e em 7 de outubro de 1867 a sua avó.

1871 – Em 26 de dezembro nasce Francisca Amélia de Abreu, Patronesse da ACLA.

1875 – Quando aos 22 anos Capistrano partiu para o Rio de Janeiro. A casa onde nasceu já servia de casa de morador, é ocupada por parentes/colonos.

1880 – Em 11 de janeiro nasce seu irmão caçula Sebastião de Abreu.

1913 – Em 9 de dezembro morre o pai de Capistrano, Major Jerônimo.

1922 – Em 10 de maio morre a mãe de Capistrano, Antônia de Abreu.

1927 – Em 13 de agosto faleceu no Rio de Janeiro, Capistrano de Abreu aos 73 anos.

1944 – A Casa é desabitada por seu último morador Messias Honório de Abreu, nonagenário residente em Lages, que também ali nascera e viveu até os 12 anos, passando a servir de depósito.

1946 – Em 28 de abril falece Pedro de Abreu, 4º irmão de Capistrano.

1947 – Ano da difundida fotografia da Casa, já deteriorada após 139 anos, mas ainda de pé. Nesse mesmo ano foi inaugurada a estátua de Capistrano de Abreu, no centro da praça que leva seu nome, em Maranguape.

1949 – Ano da derruição total da Casa Grande, provavelmente face a escavações de caçadores de botija nos alicerces de seus pilares de madeira.

1951 – Inauguração de um Obelisco com placa de bronze, assinalando o local da Casa derruída, iniciativa de Sebastião e Raimundo Girão com o Instituto do Ceará.

1953 – Ano da foto em preto e branco do referido Obelisco, disponível na secção Maranguape (site do IBGE).

1957 – Não foram utilizados créditos por lei estadual para a reconstrução.

1965 – Em 1 de setembro falece Sebastião de Abreu, sem ver reconstrução concretizada.

1969 – Em 2 de agosto falece Francisca Amélia de Abreu, mãe de Pedro João de Abreu.

1992 – Em 21 de junho, Américo de Abreu com 21 pioneiros fundam a Academia de Ciências Letras e Artes de Columinjuba – ACLA em Maranguape.

2004 – Lançado o Projeto Memorial Capistrano de Abreu no local, por doação do proprietário contemporâneo Walfredo de Abreu Machado.

2018 – Retomada do projeto na Gestão do Presidente da ACLA Pedro João de Abreu, sobrinho neto de Capistrano.

2019 – Reconstrução da casa onde nasceu Capistrano de Abreu e limiar do memorial vira meta prioritária da gestão Paulo Neves Pereira, que empossa 42 novos acadêmicos.

2020 – Em 21 de abril, no transcurso dos 28 anos da ACLA Columinjuba, a Casa cenograficamente reconstruída 71 anos depois, fica disponível à visitação além de achados arqueológicos do alicerce da senzala a vinte metros ao Leste.

2020 – Em 13 de agosto, instalado o Memorial com Exposição Permanente "93 anos sem Capistrano de Abreu" no alpendre da Casa onde nasceu há 167 anos.

Fonte: Cronologia elaborada por Paulo Roberto Neves Pereira, ex-presidente e membro da Academia de Ciências, Letras e Artes de Columinjuba – ACLA.

***